

Os Trabalhadores do Agave: entre a sujeição e a resistência

Mariângela de Vasconcelos Nunes*

Resumo: Este texto discute, a partir das fontes orais, as formas pelas quais os trabalhadores do agave- planta introduzida, em 1940 nos Cariris Velhos paraibano, -aceitaram a ordem imposta e ao mesmo tempo a contestaram, criando táticas de resistência. Para interpretar as falas dos entrevistados me inspirei em teóricos que discutem categorias como disciplina e anti-disciplina.

Palavras chave: cultura, experiência, resistência.

Abstract: This text debates, mainly based on oral sources, the way that workers of agave – a plant introduced into the Paraíba Cariris Velhos, in the 1940's years – have accepted the imposed rules and at once they have questioned them by the elaboration of resistance tactics. In order to interpret the speeches of the interviewees, I was inspired by theorists that debate categories as discipline and antidiscipline.

Key-words: culture, experience, resistance.

O Desfibramento do Agave

Neste texto discuto as primeiras décadas do cultivo do agave, originário do México, que fora introduzido no final de 1930 e início da década seguinte, nos Cariris Velhos, área estudada, no período de 1937 a 1966. Neste momento o agave fora produzido, sobretudo, para a fabricação de cabos de navios e fios de amarrar feno, consumidos principalmente pelos países europeus e os EUA.

No desfibramento do agave, isto é, no processo de transformação das folhas em fibras, foram usadas diferentes técnicas. Para uma melhor compreensão, identifiquei duas etapas uma caracterizada pelo emprego das máquinas manuais, que predominou, sobretudo, nos anos de 1940; e outra pautada na mecanização. Nesta estabeleci uma divisão para a sua história. Os anos de 1940 e 1950 foram marcados pela introdução das máquinas de base fixa, instaladas nas sedes das grandes propriedades. A partir de 1950, começaram a chegar equipamentos que se deslocavam até os agaviais. Não vejo este processo como linear, e também percebo estas diferentes tecnologias como complementares da mesma problemática: a disciplinarização dos trabalhadores rurais.

* Professora Dr^a da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Dos desfibradores autônomos ao trabalho nas máquinas

A máquina manual já era conhecida, na área investigada, mesmo antes do cultivo do agave, pois era muito usada no beneficiamento do caroá, planta nativa, como disse o Sr. Jorge Almeida Xavier; “*Eu tirava a caroá no mato, vivia do caroá existia uma máquina para desfibrar o caroá. O caroá acabou porque o sisal chegou aquilo é uma miséria, era coisinha pouca, num progredia num tinha futuro*”¹. O depoimento mostra que, antes da chegada do agave, o narrador coletava o caroá, no mato, como se a flora fosse comunal, pois, ele não pertencia a ninguém. Neste caso, os lavradores não tinham padrões e não deviam satisfações a ninguém. Todavia, esta situação fora alterada, na medida em que os lavradores passaram a desfibrar o agave, abandonando o trabalho no caroá.

A primeira geração de desfibradores de agave era composta por homens sem-terra, que desfibravam o agave produzido nas grandes e médias propriedades. Esta trama que tecia as fibras do agave se afastava das antigas relações de meia e terça tradicionalmente vivenciadas na área estudada, uma vez que os lavradores não participavam da fase de plantio dos agaviais.

Conforme os dados de campo, nos anos de 1940, a maioria dos lavradores ainda trabalhava nas roças e, ao anoitecer, quando retornava as suas casas, e em família realizava o desfibramento, como contou o Sr. José Marques: “*Mesmo depois eu fiquei trabalhando na máquina de mão, era melhor porque era minha. Eu podia trabalhar no roçado e no agave*”². Mesmo depois significava para o narrador o tempo das máquinas modernas. Uma tecnologia que se expressava também na forma de dominação dos homens, que não a detinham que representava o fim da dedicação exclusiva aos roçados, do trabalho em casa, com ajuda da família, um trabalho que, embora desgastante e cansativo, era acompanhado por uma boa prosa, do contar as façanhas do dia, ou dos sonhos que desejavam transformar em realidade. Nestas conversas, nas rodas de trabalho, eram repassados valores, costumes, formas de trabalho, enfim, uma cultura do passado que era reconstruída no presente.

Entretanto, a expansão do agave, a partir da década de 1940, promovera a mecanização na área estudada. Desde então, a relação homem - natureza passou a ser mediatizada pela máquina, desconstruindo uma visão de mundo específica dos lavradores, pautada na concepção de trabalho em que o homem transforma a natureza a partir de sua força de trabalho. Com a mediação das máquinas, muitos dos valores culturais daqueles homens foram se desagregando em função de novos valores impostos pelo avanço do capitalismo no

¹ Palavras do Sr. Jorge Xavier. Antigo produtor de agave da região estudada, que quando mais jovem trabalhou no caroá. Entrevistado em julho de 1995 em Barra de Santa Rosa. Todos os entrevistados compuseram a primeira geração de produtores ou trabalhadores de agave.

² Sr. José Marques Entrevistado em Sossego, a época distrito da área investigada, julho de 1995.

campo brasileiro. Este novo momento do processo de trabalho, paulatinamente, domesticava os corpos e consciências dos trabalhadores rurais que lidavam com o agave. Assim, uma nova cultura de trabalho ia se instaurando no semi-árido paraibano.

Os trabalhadores rurais que foram trabalhar nas máquinas mecânicas de agave apresentavam uma composição social muito semelhante ao dos desfibradores autônomos, que lentamente foram se integrando ao desfibramento mecânico. A fala do Sr. Agenor oferece algumas pistas para compreendermos o recrutamento dos lavradores ao trabalho mecânico:

“...Mas, às vez, o roçado num dava uma manutenção assim rápida como o motor de agave, porque o motor de agave dava,... mas com tudo isso, eu ainda num deixava, eu disse se fosse por mim, é porque quem mora, tem que ser obrigado ao patrão, porque se eu dissesse não, eu num vou trabalhar, num vou tomar conta dos motor, ele dizia, após também na propriedade você num trabalha..”³.

Esta entrevista revela que os proprietários, interessados, sobretudo, nos lucros proporcionados pelas fibras, pressionavam seus moradores, alguns dos quais já desfibravam agave nas máquinas manuais, para ingressarem no serviço do agave. Ainda com base nas palavras do narrador, percebo que os trabalhadores não tinham muita escolha, pois a sua recusa em aceitar o novo ofício poderia resultar em conflitos com seus patrões e até mesmo na expulsão da propriedade, das casas onde moravam com suas famílias. Destaco, ainda, outro ponto nesta fala quando ele diz que os homens como ele não foram apenas empurrados para o motor de agave, mas também seduzidos pela possibilidade de ganhar dinheiro, ou de obterem semanalmente seus alimentos. Ao passo que, nos roçados, deveriam não apenas plantar os grãos e aguardá-los crescer; tinham que esperar pelas chuvas, que poderiam ou não regar as suas plantações. Desta forma, os trabalhadores também eram atraídos pelas possibilidades de ganhar dinheiro.

“A Boca da Máquina” e a Disciplina Inscrita nos Trabalhadores

As funções de cortar, amarrar as folhas e todas as outras circulavam em torno do desfibramento. As tarefas nas máquinas fixas ou itinerantes eram basicamente as mesmas. Estas funções começavam com o corte das folhas, executado por homens denominados de

³ Agenor Cassimiro de oliveira. Entrevistado em setembro de 2003, em Cubáti, antigo distrito dos Cariris Velhos.

cortadores. No corte das folhas no motor fixo, eram empregados cerca de 6 homens e para cada máquina itinerante 2 trabalhadores. Em qualquer destes aparelhos, os cortadores com o uso de foices ou facões, podavam as folhas e extraíam os espinhos agarrados nas suas pontas. Atrás destes cortadores, seguiam os cambiteiros ou tropeiros, cujo número era de 6 para as máquinas fixas e 2 para os motores ambulantes. A função destes era de organizar as folhas em feixes e conduzi-las até o local do desfibramento. Eles realizavam suas tarefas entre as 5 horas da manhã e 17 horas, parando rapidamente para o almoço, cafés e águas.

A fase seguinte era a do desfibramento, executado pelos puxadores, que comandavam todo o processo de produção e realizavam com o auxílio das máquinas o desfibramento das folhas, transformando-as em fibras. Próximos aos puxadores trabalhavam os bagaceiros. Eles retiravam o bagaço das folhas e organizavam estas em um banco, ao alcance dos puxadores. Cabia, ainda, aos bagaceiros pesar as fibras verdes e abastecer o motor com água. Nestas posições trabalhavam 6 puxadores nas máquinas fixas e 2 nas itinerantes, e 1 a 2 bagaceiros nas máquinas ambulantes, e até 3 nos motores fixos. Tanto os bagaceiros como os puxadores não tinham horários regulares de trabalho sendo muito freqüente os serões nestas funções.

Finalmente, as fibras eram lavadas e estendidas. Esta última etapa do trabalho era desempenhada, sobretudo por mulheres denominadas fibreiras. Nesta função, nos grandes motores trabalhavam em torno de 6 pessoas, enquanto, nas máquinas itinerantes, eram 1 ou 2. O serviço para estas começava por volta das 6 horas terminando as 17 horas.

As atividades descritas acima eram realizadas rapidamente modificando a própria concepção de tempo e de trabalho dos trabalhadores, que agora não era mais determinada singularmente por cada um deles, pois, estava balizada por uma seqüência de atividades comandada pelos puxadores. A interdependência das atividades combinada ao trabalho por produção acionava, por sua vez, uma cadeia de vigilância entre os trabalhadores, que interessados em obter melhores salários se auto-policiavam e patrulhavam os colegas. Além destas práticas de controle circulavam ainda as histórias narrando cenas onde os “trabalhadores indisciplinados” apareciam sendo torturados e até executados, ensinando, portanto, que a indisciplina, o ócio e a trapaça dos trabalhadores em relação aos seus patrões, não compensavam. O patronato ainda instituiu uma rede de observadores, expressa na figura dos viradores, como ficaram conhecidos os homens que gerenciavam o desfibramento, cujo requisito era ser de total confiança dos patrões. Apesar desta disciplina os trabalhadores criaram respostas subversivas, alimentando o que denominei de cultura da esperteza, sobre o que falarei agora.

“O Dia de São Gaxite” e outras astúcias

Para alguns moradores do atual município de Cubati, as segundas-feiras ficaram conhecidas como o dia de “São Gaxite”, numa alusão ao irreverente puxador Severino Pereira da Silva, que não gostava de trabalhar neste dia. Mesmo antes de iniciar sua carreira no motor de agave, o astucioso Gaxite já estava inscrito no imaginário local como um espertalhão que tentava sempre levar a melhor. Esta sua arte inspirou o seu curioso apelido, visto que, na região, Gaxite é um bicho, um cachorro do mato, lépido e fagueiro, que, trapaceava os lavradores. Este narrador relata que criou o dia de São Gaxite na Bahia, com o objetivo deliberado de instituir um feriado coletivo para os trabalhadores de agave daquele estado: “Foi eu mesmo batizei prá ninguém trabalhar neste dia.”⁴ Todavia, segundo ele, este batismo teria acontecido apenas na Bahia, uma vez que ele negava ter designado as segundas feiras, na Paraíba, de santas, como disse; “Tentei não. São Gaxite quem é esse santo aqui? Gaxite era eu. Eu num sou santo. ...É porque aqui todo mundo me conhece, aí lá ninguém conhece o caba.”⁵

A sua justificativa expressa um raciocínio lógico, visto que, na sua terra natal, todos sabiam que Gaxite era um homem e não um santo, Todavia silencia outro, pois, acredito que ele não gostava de vincular o seu apelido, o nome como era conhecido por todos, a tal ato de contestação, ele não estava disposto a ser visto como um estimulador do ócio, isto provavelmente o descredenciaria, sobretudo, frente aos patrões. Mas, suponho que este depoente institui entre os trabalhadores da Bahia um costume dos trabalhadores de agave caririseiros, e lá o batizou com o seu desconhecido apelido, símbolo, da sua história, de rebeldias e de trapaças. Os próprios trabalhadores falaram sobre esta prática, como disse o Sr. José Alves dos Santos ao recordar as faltas das segundas-feiras: “Era difícil virar uma segunda-feira. Difícil. Quer dizer, uns dizia que ia cuidar do roçado, porque era a folga que tinha. E outros ficavam malandrando mesmo...”⁶ A partir deste relato, entendo que homens, como o entrevistado, não gostavam “de virar” nas segundas, isto é: frequentemente faltavam ao trabalho e o faziam porque achava mais importante ficar cuidando dos seus roçados, cavar cacimba, construir cercas ou, simplesmente, investir no ócio. Assim, compreendo estas faltas dos trabalhadores do motor de agave como um lugar de resistência e de recriação do tempo e diferentes concepções de trabalho. Portanto, a disciplinarização coexistia com a

⁴ Severino Pereira da Silva antigo trabalhador de agave de Cubati. Entre os anos de 1950/ 1960 ele migrou para a Bahia, onde trabalhou no desfibramento do agave. Entrevistado em Cubati em novembro de 2002.

⁵ Conf. Severino Pereira da Silva.

⁶ José Alves dos Santos. Este narrador é conhecido na região onde mora como o Sr. Zuza, tratamento que adoto neste texto. Entrevistado em Cubati, em setembro de 2003.

“antidisciplina”. O desejo de livrar-se dos horários impostos, a vontade de trabalhar em paz, sem receber ordens, sem ser vigiado. Era possível escapar à dominação, fugir, provisoriamente, das relações disciplinadoras. Neste caso, os trabalhadores reinventaram algumas regras, recusando o cronograma semanal de cinco dias completos. Alguns trabalhadores afirmaram que não compareciam aos motores, no primeiro dia semanal, ou se atrasavam para o seu serviço, porque sabiam que um dos seus colegas não iria trabalhar. Esta era a tática que muitos faltosos da segunda-feira usavam, como narrou o Sr. Gaxite: “...*Não, eu num ia, porque o dono do motor e outro meu párea que era primo meu chegava bebo no motor. Ia buscar o comer veio, a feira com meia légua quando chegava já era de noite.*”⁷

Nesta narrativa, o Sr. Gaxite apresenta dois motivos para justificar as faltas ou os atrasos nas segundas-feiras. Primeiro, porque alguns dos seus colegas estariam ressacados e, previsivelmente, faltariam ao trabalho, de nada adiantando a sua presença no serviço, uma vez que, a falta de um trabalhador é capaz de paralisar todas as demais atividades. Segundo, a ausência de alguns ocorria porque eles, nestes dias, providenciavam a compra de seus mantimentos semanais. Certamente, a realização desta tarefa exatamente nas segundas-feiras era uma desculpa, visto que os trabalhadores de Cubati, por exemplo, recebiam seus salários nos sábados quando também compravam seus alimentos. Não acredito, também, que os trabalhadores do agave, embora tenham passado a consumir mais álcool do que quando trabalhavam na agricultura, estivessem ressacados a ponto de não poder trabalhar no primeiro dia de trabalho semanal. Caso contrário existiria na região estudada um alto índice de pessoas acometidas por doenças hepáticas e de alcoólatras, entretanto, os próprios trabalhadores negaram ter amigos ou colegas alcoólatras ou que apresentassem problemas de saúde atribuídos ao uso do álcool. Portanto, entendo esta prática dos trabalhadores em não assumir as suas faltas, como uma tática. Desta forma, eles faltavam porque sabiam que um dos seus parceiros estaria ausente. Mas, o que levava os trabalhadores a recuarem e culparem os seus colegas por suas omissões? Entendo que, entre os trabalhadores, existia uma espécie de cumplicidade sigilosa que denunciava a introjeção de uma nova moral. Mesmo se recusando a aceitá-la os trabalhadores sentiam a necessidade de explicar suas ausências, o que significava que esta moral os regulava. Então, ao elegerem os colegas como culpados, apaziguavam suas consciências, pois não poderiam se sentir responsáveis pela falta dos companheiros. Ainda mais: desse modo, explicavam-se diante dos patrões E, assim, iam estabelecendo alguns códigos para a prática do ócio, da cumplicidade e da trapaça.

⁷ Palavras do Sr. Severino Pereira da Silva.

Embora práticas subversivas tenham existido desde a introdução da mecanização do agave penso que atrasos, doenças, faltas, atos que desorganizavam a produção se tornaram mais freqüente a partir dos anos de 1960/1970. Portanto, vejo resistência não apenas como um amplo confronto deliberado, mas também como pequenos gestos de insubordinação. Mas, o que teria acontecido entre os anos de 1960/70, para promover a resistência dos trabalhadores?

Embora os trabalhadores fossem remunerados com base na produção, fora na década de 60, que se generalizou à instituição da produção mínima de 2.000/2.500 quilos de fibras por semana. Para alcançar esta meta eles tiveram que aumentar o ritmo, a intensidade e a monotonia do trabalho, ultrapassando tudo que, até então, já lhes havia sido imposto. Entendo estes componentes como matéria-prima para uma possível resistência. Entretanto, ainda considero três outros aspectos: Primeiro, a mobilidade das máquinas itinerantes: estas se moviam não apenas no interior das propriedades dos produtores, mas também eram instaladas em outras terras, que não pertenciam aos seus patrões. Trabalhar fora dos domínios da propriedade quebrava a centralidade da casa grande e toda uma lógica de estreitamento de manutenção do poder. Visto que a idéia de patrão que os trabalhadores rurais tinham estava associada ao domínio da terra, onde eles moravam e trabalhavam. A ruptura com esta noção, inspirava questionamentos entre os trabalhadores. Segundo, a expansão das máquinas mecânicas aumentou a demanda da mão-de-obra, estimulando, cada vez mais, os proprietários a contratar trabalhadores que não eram seus moradores, portanto que não apresentavam o mesmo grau de “lealdade” dos seus agregados. Eram “homens sem senhores” que se sentiam mais livres para desafiar os seus patrões, para mudar de um motor para outro, enfim, reelaborar e desrespeitar a disciplina no trabalho do agave. Terceiro: houve no período, o aumento numérico de uma nova categoria denominada na área em estudo de donos de motores, formada comumente por homens que não possuíam a propriedade da terra apenas eram donos das máquinas e economicamente pobres. Assim existia uma composição diferenciada de patrões e também de empregados. Pois, os proprietários de terras conseguiam parte dos seus trabalhadores nas suas propriedades, enquanto os donos de motores buscavam-os nas cidades próximas, contratando homens “mais livres”, que não moravam nas terras de terceiros e, ao mesmo tempo, apresentavam uma origem social basicamente semelhante à de seus patrões. Este sentimento de identidade, partilhado por homens que viviam experiências sociais e culturais parecidas beneficiava em muitos momentos os trabalhadores, pois, estes se sentiam mais à vontade diante de um homem que havia sido seu parceiro, com o qual, muitas vezes, brincavam e, juntos, “trapaceavam” seus antigos patrões. Ademais, este novo

empregador não desfrutava do mesmo respeito dos patrões de outrora, portanto, a sua presença não era tão ameaçadora, uma vez que os trabalhadores não lhes deviam “favores”. Assim, podiam travar um “bate boca,” experimentarem a desobediência, com menos receio. Neste cenário, é importante pensar o trânsito dos trabalhadores: das máquinas dos donos de motores para as desfibradeiras dos grandes e médios proprietários, que igualmente já estavam recrutando outros trabalhadores, com quem não tinham vínculo de moradia. A rotatividade dos trabalhadores estimulava a circularidade de idéias e a troca de experiências entre “homens livres”, isto é, “homens sem senhores”, e moradores, tornando o ambiente do motor de agave um “centro de irreverência.”

As Profecias do Fim do Mundo e o “Capa Verde”

A sociedade nordestina, notadamente a do semi-árido, sempre foi extremamente religiosa. Regra geral, praticante de um catolicismo específico que apresentava condições peculiares. Assim, parte das expressões culturais dos nordestinos era inspirada e representada no campo religioso, como as profecias sobre as secas e as premonições apocalípticas, que circularam no interior do Nordeste, sendo algumas delas imputadas ao Padre Cícero e Frei Damião, fato que dava mais credibilidade às premonições estimulando, sobretudo, as populações de baixa renda.

Em quase todo o mundo as passagens relativas ao Juízo final influenciaram as profecias sobre o fim do mundo. No Brasil, e especialmente no Nordeste, os narradores destes vaticínios evocavam “profetas” inquestionáveis, que eram vistos pelos agricultores como sendo intermediários entre a Providência Divina e os homens. Desta forma, o poeta narrador incorporava o próprio mensageiro dos “santos” como padre Cícero e frei Damião. O cordelista, por exemplo, criava na comunidade um espaço de autoridade para os vaticínios. Ao mesmo tempo em que detinha o conhecimento das letras, era também relator da “verdade”. Por esta razão, eles eram pessoas dignas de grande credibilidade. A literatura de cordel, sobretudo em sociedades como a dos Cariris Velhos, marcada pela oralidade, era extremamente acessível, na medida em que era facilmente compreendida e memorizada, devido às estratégias do poeta, que buscava conquistar seu público, recontando histórias do agrado deste.

Conforme alguns cordéis analisados nesta pesquisa, a profecia do capa verde surgiu no início dos anos 30 do século XX, quando o Padre Cícero, na matriz do Juazeiro, teria publicizado suas previsões para o século em curso, a exemplo da versão que aparece no cordel composto por Enock José de Maria, “A voz do Padre Cícero”, neste, o capa verde é

representado como o diabo que, muitas vezes, antecedia o fim do mundo: “*São os anjos do diabo, que chegam no fim da era/fazendo tanto milagre/que todo mundo os venera/saciando fome e sede/são iguais ao capa verde e correios da besta fera*”.(Enock J. de Maria, s/d:2)

Assim suponho que a lenda do capa verde tenha antecedido a chegada do agave, portanto, compreendo que a ligação entre esta e a planta fora uma recriação dos agavieiros, como disse o Sr. Agenor: “*É o capa verde. E eles num dizem que fura os olhos do caba? É o espin dele. Eles num diz que come as mão? É quando tá trabalhando, que as mão fica em sangue.*”⁸ Entendo que inspirados nas histórias do capa verde, homens como o entrevistado, construíram uma imagem para o agave associando-o à profecia que já circulava oralmente. Assim, o Sr. Agenor e outros lavradores reelaboraram a lenda do capa-verde, deslocando-a do espaço sobrenatural para o território da materialidade, à medida que a lida do agave os atingia diretamente por meio de uma “engenharia agrícola” que eles desconheciam, que assustava pela violência, o trabalho exacerbado e as marcas que deixavam em seus corpos: furando-os, “comendo seus dedos” e cegando-os. Neste sentido, entendo que a experiência dos trabalhadores no desfibramento era um ponto fundamental, estando articulada ao campo da religiosidade, de onde os lavradores capturavam os signos para reinventar a profecia.

Além destas semelhanças apontadas, os lavradores criaram outras entre o agave e o diabo e foram reescrevendo a lenda. Assim no marco um da expansão do agave eles extraíram elementos da antiga profecia para decifrar o seu novo cotidiano. Posteriormente, eles fizeram o inverso, capturaram elementos do seu dia a dia para reabastecer a lenda refazendo-a continuamente.

Bibliografia

- BARAUNA, Cipriano. **A Profecia do Agave** e as 3 Datas do Mundo se Acabar. (Sem data e local de publicação)^b
- BURKE Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- DELUMEAU, Jean. **A História do Medo no Ocidente 1300-1800: Uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁸ Agenor Cassimiro de Oliveira, entrevistado em Cubatí, em setembro de 2003.

FOUCAULT, Michel **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____ **Vigiar e Punir: o Nascimento das Prisões**. Petrópolis: Vozes, 2003

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

HILL, Christopher. **O Mundo de Ponta-Cabeça: Idéias Radicais durante a Revolução Inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 61.

LEITE, José Costa. **Os Sinais do Fim do Mundo** e as Três Pedras de Carvão. (Sem data e local de publicação)

MARIA, Enock José de. **A voz do Padre Cícero**. (Sem data e local de publicação)

NUNES, Mariângela de Vasconcelos. **Entre o Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com o Agave nos Cariris Velhos (Paraíba, 1937-1966)**. UnB. Tese, março de 2006.

THOMPSON, E.P. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**.